

Não há Educação sem Educação Física: Educação Física e Educação Cívica*

Leonardo Rocha**

Para a generalidade das pessoas, a escola é o local onde se aprende, se trabalha, se faz amigos, se brinca — mas também onde se podem ter desgostos e frustrações. Onde se realizam coisas novas, divertidas, que entusiasмам — mas também onde existem outras que aborrecem, que se repetem, que parece não servirem para nada.

Todas as sociedades procuram definir à priori qual a educação, os saberes, valores e competências que desejam ver adquiridos pelos seus jovens, e naturalmente incumbem à Escola a tarefa de os transmitir. A Escola tem assim de desempenhar uma dupla função: servir a sociedade e servir o indivíduo. Cada um destes papéis têm de ser permanentemente aperfeiçoado e mantido em igualdade de preocupações, sob pena de não cumprir eficazmente a sua missão.

Valores, saberes e competências têm mudado conforme as épocas e é pacífico aceitar-se que o que se lhe pede hoje é diverso e mais exigente, do que aquilo que se pedia há uns anos. Vejam-se os resultados do mais recente estudo realizado sobre o grau de literacia dos portugueses e constate-se, pelas afirmações dos responsáveis, que à escola também são imputadas responsabilidades por este estado preocupante de coisas.

Isto no fundo quer dizer que já não se pode pedir à escola que só ensine a ler a escrever e a contar. Exige-se que ela prepare o cidadão para interpretar e manipular capazmente as informações que lhe chegam

* Comunicação apresentada no simpósio «Actividade Física na Escola», organizado pelo Centro de Investigação Médico-Desportiva.

** Vice-Presidente da direcção da SPEF e Professor-Adjunto na Escola Superior de Educação de Lisboa.

e participar cada vez mais activa e conscientemente na vida da sociedade onde está inserido.

É forçoso que promova outras práticas, que utilize novos métodos e que desenvolva conteúdos actualizados e adequados às novas exigências sociais.

As incertezas que a organização escolar atravessa nos nossos dias colocam problemas complicados de resolver e obrigam a um novo modo de olhar a Escola, nomeadamente em considerá-la e valorizá-la também como um elemento produtor de representações e culturas.

Para Petitat (1982) a escola, reprodutora a um certo nível, contribui também para a mudança social a um outro nível. Estas posições implicam necessariamente que a passemos a ver, como a todos os acontecimentos que ocorrem no seu interior, com outros olhos.

Ao considerar-la como um sistema natural, vivo, onde os seus actores desempenham um papel fundamental na mobilização e utilização de recursos numa dinâmica de auto-renovação, afastamo-nos decisivamente do modelo burocrático de interpretação da escola, preocupada exclusivamente com as relações entre objectivos, estrutura e eficiência (Gomes, 1994). Em nossa opinião deve deixar de ser olhada com um simples depósito de culturas para passar a ser considerada como geradora de uma cultura que lhe confere uma identidade própria.

Aprender com os outros será talvez uma das suas particularidades mais importantes. O processo de integração social que promove, possibilita a cada criança adquirir habilidades, conhecimentos e atitudes que lhe permitem confrontar ideias, discutir opiniões, escolher e tomar decisões. No fundo isto quer dizer que deve proporcionar experiências que ajudem os jovens a adquirir a capacidade de intervir socialmente como membros da sociedade a que pertencem.

Ao definir para o sistema de ensino um currículo onde enuncia as matérias que devem ter lugar no seu interior, a sociedade expressa quais são as suas principais preocupações e intenções educativas.

Embora sem existir uma definição precisa ou pacífica, pode dizer-se que o currículo de uma Escola consiste na organização de todas as actividades colocadas à disposição dos alunos, destinada a promover o seu desenvolvimento intelectual, pessoal, social e físico. Blyth (1988) refere que currículo «é uma intervenção planeada na interacção entre desenvolvimento e experiência que inclui todos os acontecimentos que ocorrem no seu interior».

É através dele que os alunos desenvolvem competências, adquirem conhecimentos e valores, progridem na sua integração social e tornam-se capazes de escolher e intervir.

A Educação Física é uma disciplina incluída nos currículos de todos os anos de escolaridade. Desde o 1.º ano do 1.º ciclo do Ensino Básico até ao final do Secundário. Para compreender a forma como tem sido tratada no nosso sistema educativo é necessário interpretar o estatuto de

que goza em confronto com as outras áreas curriculares. Normalmente é considerada com um estatuto periférico em relação às outras componentes do currículo, e, por esse motivo, não tem tido, nos mais variados aspectos, a atenção e os recursos considerados necessários à sua realização.

Isto é, apesar de ter um lugar no currículo, a Educação Física continua sem ter a valorização e a consideração indispensáveis a um reconhecimento generalizado das suas potencialidades educativas. Não se lhe reconhece alcance cultural nem se dá valor aos conteúdos que ensina.

As preocupações excessivas com o desenvolvimento cognitivo, por um lado, e a preferência por abordagens teóricas, por outro, têm empurrado a Educação Física para um estatuto de minoridade que a coloca frequentemente numa atmosfera de clandestinidade.

Como é possível aceitar-se que possam existir escolas sem recursos, onde a Educação Física se encontra dependente de condições que lhe são alheias e que não controla. Esta aceitação passiva de que é possível atingir-se as finalidades e os objectivos educativos sem o contributo de uma das suas componentes, continua influenciada por atitudes mecanicistas e dualistas que consideram as aquisições cognitivas independentes das acções práticas que as concretizam e separadas das emoções que as envolvem.

É frequente a confusão entre finalidades educativas gerais e objectivos e competências que se definem para a Educação Física, mesmo entre profissionais desta especialidade.

Ao procurar justificações para este problema Crum (1993) identifica duas ideologias dominantes, a «biologista» e a «pedagogista» e considera que as duas continuam a influenciar negativamente o reconhecimento da Educação Física como uma área essencial do currículo escolar. Para este autor, elas ajudam a manter o «círculo vicioso do fracasso auto-reprodutor da Educação Física» onde a «ideologia biologista» a reduz ao treino da forma física, e a «ideologia pedagogista» conduz facilmente a que as suas aulas tenham o carácter de recreios supervisionados ou de entretenimento.

Numa sociedade onde emerge uma nova cultura do «corpo» e das actividades físicas, onde as preocupações ecológicas, os tempos de lazer e a evolução tecnológica têm uma importância cada vez maior, é forçoso quebrar este círculo vicioso.

Nesse sentido, desenvolveremos algumas argumentos que consideramos cruciais para o surgimento de uma nova atitude face à Educação Física Escolar.

Em primeiro lugar consideramos que não é suficiente reforçar em colóquios, artigos ou aconselhamentos a importância das actividades físicas no desenvolvimento e manutenção de estilos de vida saudáveis.

É fundamental compreender que essa atitude não se adquire de fora para dentro e que, tal como se aprende a gostar de ler, também se pode

aprender a gostar de praticar regularmente uma actividade física. Num caso como noutro, reconhecemos que é na escola que tudo deve começar e que é lendo e praticando que esse gosto se desenvolve.

Tenhamos a coragem de exigir às instituições educativas que cumpra a sua obrigação, colocando à sua disposição os meios e os recursos indispensáveis à sua tarefa, ao invés de lhe retirarmos responsabilidades e inventarmos paliativos.

Sabemos que o ritmo e a complexidade da vida dos nossos dias tornam cada vez mais difícil decidir o que é bom, o que é desejável, o que é certo. Com frequência as crianças e os jovens confrontam-se com a necessidade de escolher e não sabem o que devem valorizar nem onde devem investir as suas energias. Tornou-se mais difícil para a criança desenvolver valores claros. É neste confronto que a Escola pode e deve constituir-se como um quadro de referências estável, que possibilite vivências práticas e a escolha de valores que orientem a sua vida futura.

Emerge de tudo isto um novo quadro de valores onde a prática das Actividades Físicas, em que incluímos naturalmente o Desporto, deixe de ser um encarada como um simples meio para passar a ser um fim e um valor em si mesma.

Para nós, «valores» são produto de experiências pessoais que emergem da situação de cada um ter de tomar decisões e integrar essas opções na sua maneira de viver. É um processo pessoal que não fica completo na infância ou na adolescência, que dura toda a vida.

É inegável a importância do papel que a Educação Física e o Desporto na escola podem desempenhar na promoção de experiências que encorajem escolhas ponderadas, convicções mais esclarecidas de gostos e preferências e a integração mais congruente de valores na vida de todos os dias.

Em segundo lugar, compreendamos a urgência em reconhecer que existe uma cultura motora composta por um repertório de conceitos e competências a desenvolver em processos organizados e continuados de ensino/aprendizagem.

Isto quer dizer que devemos claramente determinar quais as competências, conhecimentos e atitudes básicas que cada aluno deve adquirir com vista à sua futura actuação numa sociedade cada vez com mais preocupações ambientais e em permanente evolução. Na escola, um currículo equilibrado tem de considerar a pessoa na sua globalidade e inserida num meio ambiente que importa preservar. Para Laventure (1992), através do processo de formação pessoal e social, os jovens têm de ter igualdade de oportunidades para adquirir habilidades, conhecimentos e atitudes que o equipem para todos os aspectos da sua vida. Neste aspecto o contributo da Educação Física tem de ser valorizado. As situações que proporciona de relacionamento com os outros e com o meio envolvente são únicas na promoção de estilos de vida autónomos

e saudáveis e, acima de tudo, no desenvolvimento de uma consciência cívica em que a actividade física é, também ela, um bem, um valor e uma necessidade social a partilhar por todos.

Em terceiro, promovamos uma mudança de atitude de alunos, educadores, pais, governantes, médicos, e outros agentes educativos em relação à escola.

Pode argumentar-se que as finalidades atrás expostas não são novas e que estiveram sempre presentes no pensamento de todos. Temos no entanto que reconhecer as evidências, que revelam que as nossas estratégias não têm tido o sucesso esperado. Reconheçamos que ainda não estão atingidos níveis aceitáveis de participação da população escolar em actividades físicas de qualidade e regulares. Sempre é possível justificar-se que não existem condições de prática ou que não existem espaços temporais adequados.

Julgamos que para além destas existem outras razões bem mais profundas que condicionam a participação desejável.

A generalização da crença de que os «Jogos» (e por arrastamento as actividades físicas) não constituem matérias de ensino, Arnold (1988) e a pressão do mundo do desporto, que espera que a escola lhe forneça desportistas altamente motivados, competentes e especializados em determinados desportos serão certamente as com maior influência.

Em nossa opinião, estas razões têm contribuído para que a comunidade educativa, na sua maior parte, não reconheça o significado e a importância da Educação Física na educação e formação de crianças e jovens em idade escolar.

Uma das formas de contornar estes elementos perturbadores pode ser desenvolvendo ligações eficazes entre a escola e a comunidade, de modo a proporcionar outros espaços de prática, fora ou dentro do período e do contexto escolar, em que alunos, pais, professores e outros, intervenham e participem conjuntamente em actividades físicas, com prazer e numa atmosfera educativa e lúdica.

É absolutamente indispensável revalorizar do papel das instituições educativas como espaço gerador de uma nova cultura das actividades físicas, onde valores e práticas constituam preocupações formativas conducentes a estilos de vida saudáveis e responsáveis.

Nunca é de mais salientar a importância das aprendizagens, dos hábitos e dos valores obtidos nos primeiros anos de escolaridade. Grande parte dos adultos que frequentaram a escola referem, algumas vezes com excessivo orgulho, que o seu tempo de escola foi o melhor, e com base nisso desvalorizam a escola dos filhos. Para eles a escola actual não ensina, não educa, não disciplina, não serve.

Raras vezes temos encontrado neste discurso de pais e educadores, referências a que a escola actual é menos boa porque não ensina habilidades motoras, não educa gestos ou não promove o respeito por regras e regulamentos. Julgamos que na base desta atitude está a convicção

generalizada de que estas coisas se aprenderam no recreio, na rua ou no clube.

Revalorizar o papel da escola e do que lá se aprende e ensina, particularmente no que diz respeito à Educação Física, pode ser um primeiro passo para que professores e alunos recuperem a confiança, dêem importância ao que realizam e aceitem melhor o esforço que fazem.

Provavelmente deverá ser, este o primeiro «valor» com que temos de nos preocupar.